

# Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, segunda quinzena de dezembro de 1997 - ano I, nº 15.

boletim

## Memórias da violência e violências da memória

Regina Dalcastagnè

*Um largo, sete memórias* - Adolfo Boos Jr.  
Florianópolis: Editora da UFSC, 1997, 238 pp.

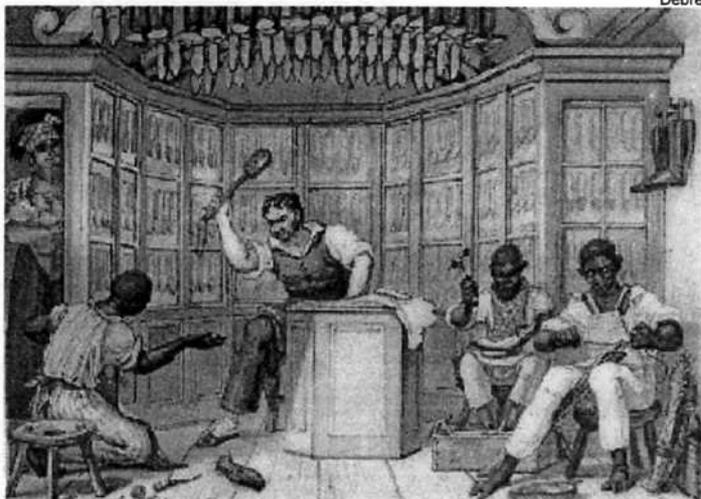
A violência pode ser, a um só tempo, recurso e tema para a literatura e para as artes. Através de seu impacto, buscar-se-ia alcançar a consciência do leitor, fazendo-o mais crítico em relação à sociedade que a constitui e legitima. Mas a fronteira entre a denúncia chocante e o sensacionalismo embrutecedor é tênue - como uma simples olhadela na programação vespertina da televisão pode revelar. Como tratar do tema sem cair na banalização, na exploração das piores inclinações do público?

No final dos anos 60, falando sobre seus filmes, Glauber Rocha ensaiava uma resposta ao dizer que "quando a violência é mostrada de forma descritiva, ela agrada ao público, porque estimula seus instintos sadomasoquistas; mas o que eu queria mostrar era a idéia de violência, e às vezes mesmo uma frustração da violência. Devemos refletir sobre essa violência e não fazer um espetáculo com ela". Dentro de uma perspectiva semelhante, *Um largo, sete memórias*, do catarinense Adolfo Boos Jr., pode ser visto como um romance sobre a violência que se faz mais denso à medida em que frustra no leitor sua expectativa de violência.

Não é que o livro não traga situações violentas: o estupro de uma moça, a castração de seu namorado, o massacre de toda uma família são narrados, mas não há ali nenhum tipo de glamourização, nenhum espetáculo. O que garante isso é a contenção da linguagem, que transporta o leitor não para o meio da cena, mas da encenação; que o leva para diante não da violência, mas de seu próprio questionamento.

*Um largo, sete memórias* traça um retrato na vida de uma cidade de província no final do século passado, a pequena Desterro (hoje Florianópolis). O livro parte de uma personagem real, o sapateiro abolicionista Manoel Joaquim da Silveira Bittencourt, que usava todo seu lucro para comprar e alforriar escravos velhos, e sua paixão por Cida, uma jovem que ele, fugindo de suas próprias normas, liberta. Chamado de "Artista" Bittencourt, pelo esmero com que executava seu ofício, o sapateiro é hoje uma figura esquecida - nome de uma rua no centro de Florianópolis e nada mais.

Sete diferentes vozes (ou "memórias") narram a trama,



Debret

entre elas Bittencourt, Cida e os antigos proprietários dela. Há ainda uma oitava memória na narrativa, que apresenta trechos do debate entre abolicionistas e anti-abolicionistas, numa desnecessária tentativa de enquadrar historicamente o enredo - desnecessária porque a moldura história já é dada, de forma muito mais viva, no restante do romance.

São vozes pouco convencionais, que causam de imediato um estranhamento no leitor. Em primeiro lugar, por não serem estilisticamente diferenciadas: é o que está sendo dito que as distingue, não alguns cacoetes utilizados para fazer marcação. Mais importante, porém, é que elas não se prendem a um só ponto de vista. Ao contrário, cada uma é quase um narrador onisciente, descrevendo eventos e emoções de outras personagens. Várias delas, também, já estão do "outro lado", isto é, são *memórias póstumas*. Este estranhamento é um dos grandes trunfos da obra. O outro é o texto contido, represado, em que a narrativa prossegue como que contra a vontade daqueles que a narram.

Uma contenção que faz avultar a violência subjacente em todo o livro. Violência da sociedade escravagista, que se faz sentir contra os cativos, em especial contra a mulher escrava. Violência, mais geral, da sociedade classista, contra os pobres e os não-proprietários; do racismo, que atinge todos os negros, mesmo os forros; dos fracos, que a exercem contra os ainda mais fracos, no afã de se sentirem fortes. Violência da revolta dos oprimidos contra os opressores. Mas também a violência da paixão, do ódio, da dúvida.

Neste sentido, duas personagens do livro se destacam.

(continua)

CURSO DE EXTENSÃO/1998

# Vertentes da Literatura Brasileira Contemporânea

AUTORES REPRESENTATIVOS DO ROMANCE BRASILEIRO ATUAL

- ☆ Osman Lins - *Avalovara*
- ☆ Autran Dourado - *A barca dos homens*
- ☆ Lygia Fagundes Telles - *Verão no aquário*
- ☆ Carlos & Carlos Sussekind - *Armadilha para Lamartine*
- ☆ João Ubaldo Ribeiro - *Viva o povo brasileiro*
- ☆ Cristovão Tezza - *O fantasma da infância*
- ☆ Moacyr Scliar - *O exército de um homem só*

DE 20 DE MARÇO A 26 DE JUNHO DE 1998

(DATAS PROVISÓRIAS, AINDA DEPENDENTES DA CONFIRMAÇÃO DO PERÍODO LETIVO)

INSCRIÇÕES EM MARÇO DE 1998, NO DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

UM LARGO, SETE MEMÓRIAS

## *Memórias da violência...*

(continuação)

Bittencourt, o sapateiro, é a primeira delas, dividido pelo amor que alimenta por Cida, incapaz de perceber nela qualquer sombra de reciprocidade, efetivando esta paixão apenas em sonhos culposos e confusos. A outra é Pedro, o "pardo", escravo e capataz de escravos, consciente de sua abjeção mas inapto para escapar dela. Aos dois, poder-se-ia juntar Miguel, o pequeno e mesquinho proprietário de escravos, subjulgado pela mulher dominadora, pela própria insignificância e perversidade, por um sistema que, tantalizando-o com a falsa promessa de ganho fácil, impede-o de buscar caminhos mais factíveis para a prosperidade.

Contraposta à espetacularização da obra de um Rubem Fonseca, por exemplo, em que a descrição crua e repetida de assassinatos e estupros serve ao propósito de chocar (e comprazer?) o leitor, a opção estilística de *Um largo, sete memórias* revela a sua força. Justamente por evitar todo o derramamento de linguagem, o livro produz uma impressão de angústia e desajuste - o sentimento que a sociedade escravista gerava e que, se pensarmos um pouco, não é muito diferente daquele que devemos experimentar hoje.

O livro junta-se, enfim, a um grupo que, na literatura brasileira contemporânea, conta com obras de Autran Dourado, Luiz Antonio de Assis Brasil, João Ubaldo Ribeiro, Roberto Gomes e outros - o da boa literatura de fundo histórico. Isto é, a literatura que questiona o presente, sem por isto fazer do passado um mero pretexto. Como dizia Eric Hobsbawm, falando sobre a

História de uma forma que se aplica também à literatura: "Todos nós, inevitavelmente, escrevemos a história de nosso próprio tempo quando olhamos o passado e, em alguma medida, empreendemos as batalhas de hoje no figurino do período. Mas aqueles que escrevem *somente* a história de seu próprio tempo não podem entender o passado e aquilo que veio dele".

Há uma última reflexão que o romance de Adolfo Boos Jr. suscita. É um dos melhores lançamentos de 1997 e não se trata de obra de autor estreante - Boos tem mais de 40 anos de vida literária e recebeu, por duas vezes, o importante prêmio Nestlé de literatura. Ainda assim, seu livro foi publicado por uma editora universitária e periférica (que há anos, diga-se de passagem, vem realizando um importante trabalho de divulgação da literatura regional). Não resta dúvida de que algo está errado numa indústria editorial que é tão cega a valores que vivam à margem dos grandes centros.

**Regina Dalcastagnè** é professora de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília.

Endereço da Editora da UFSC: Caixa Postal 476, Campus Universitário - Trindade, Florianópolis - SC, CEP 88010-970. E-mail: <edufsc@editora.ufsc.br>.



*O Boletim entra de férias e estará de volta no final de março.*

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim na internet: <http://www.unb.br/tel/boletim.htm>